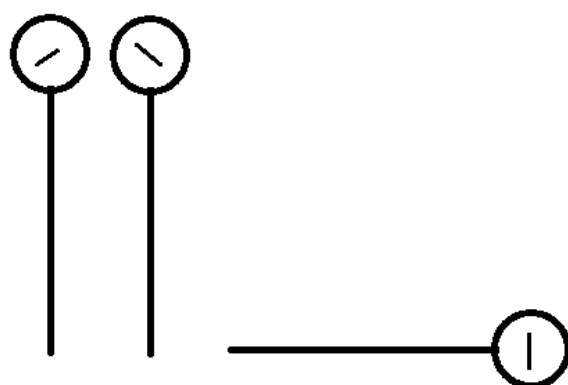


# ACHADOS E PERDIDOS



poesias de  
**José Manuel da Silva**

©  
2012

## **Adeus rogado ao último membro da família**

Na psicologia da morte  
Existe a catarse dos vivos  
Na insegurança, na esperança  
Na compaixão, na solidão  
Na riqueza e na tristeza  
No choro do alívio e da paz  
De quem fica e de quem não chora mais  
Uma geografia transcendente  
A dúvida sobrenatural persistente  
Fica a besta  
Na certeza, dinda,  
De que te tornaste uma alma linda.

SJB – RJ  
26/10/99  
Capela 9

## Resposta imprecisa

Você me pergunta se eu já amei  
 Isso eu não posso responder  
 Tão profundo, eu não sei  
 Ninguém tem como dizer

Se o amor é poder e dinheiro  
 Eu nunca fui grande banqueiro  
 Se o amor é carinho e afeição  
 Atingi quando muito a caridade e o tesão  
 Se o amor é a busca da metade faltante  
 Nunca deixei de procurá-la um só instante

Você me pergunta se eu já amei  
 Isso ninguém pode saber  
 O amor é uma coisa indefinível  
 Não se explica sem entender

Isso me agonia  
 Isso me fascina  
 Eu menti esse tempo todo  
 Eu fui vítima do engodo

A gente valoriza uma coisa boa  
 E chama tudo de amor  
 Ele se torna uma coisa à toa  
 Pois na verdade o amor é sempre dor

A dor de querer e não ter  
 De ter e não poder  
 De poder e não querer  
 A dor de esquecer  
 Do ciúme, da inveja e da paixão  
 Da procura, do desencontro e da traição  
 A dor da suspeita, o choro da colheita  
 A dor do gozo em posição ingrata  
 Comer a loura pensando na mulata  
 A dor de ter é medo infundado do perder

Não, não sei se já amei  
 E não sei se quero amar  
 O pouco que encontrei  
 Já foi bastante pra me amedrontar

O amor que se conhece  
 A carestia o inventou  
 O amor que se merece  
 Pouca gente o encontrou

Você me pergunta se eu já amei  
 Não sei, acho que não  
 Porque um amor nunca se acaba  
 Por definição.

## Réveillon

Ano 2000  
Putá que o pariu!  
Pena é vivê-lo  
Nesta merda de Brasil.

Rio, 1999/2000.

Minha caneta importada  
Que acaba de ser inaugurada  
Escreve instruída à mulher casada  
Eterno lembrar dormente  
Porque a mente  
Mesmo a mente inconsciente  
Não se esquece jamais  
Das coisas mais banais  
No papel que tu me deste rabisco linhas obscuras  
Em que tento imprimir todas as minhas loucuras  
Você não tem ideia de no que me transformei  
Um ser amorfo, estressado e incapaz de amar  
Ah, dirá você, eu já previra isso  
Minha vida se tornou um irremediável cortiço  
Mas o pior você não sabe ainda  
Sou feliz com a mudança bem-vinda  
Peço licença à métrica, ao verso e ao nexo  
À lírica, a você e a tudo o mais  
Ao pessoal dos botequins, dos bares e de todo o universo  
Pra não rimar isso e aquilo no meu pobre verso  
O de que gostaria (ah minha gramática anacrônica)  
É de uma grande putaria (oh! globalização agônica)  
E me vem à cabeça tudo que não fiz, tudo que não tive, tudo que não fui  
Na verdade um ser escasso como todos mais  
É isso mesmo, eu tu ele, nós vós eles  
Somos pessoas incompletas, insatisfeitas e insalubres  
Buscamos fantasias, satisfações e muita fé  
Pra discutir o jornal e abdicar da santa sé  
O mundo gira, o povo (mal) caminha  
O homem pira, a mulher (ainda) definha  
Eu tenho tanto pra dizer, de mim, do mundo, da vida e da alegria  
Mas tenho medo de ser interpretado à revelia  
Não, não falo de mim, de você, ou da abobrinha  
Mas falo em código, iniciático, de revistinha  
Onde estão as mulheres que só dizem sim?  
Onde estão os homens que dariam pra mim?  
Fugiram todos pro casamento e magistério  
Em plena andropausa ou gayíssimo climatério  
Riam, riam bastante de um bêbado  
De cuba libre assessorado mas que não perde a razão  
Um ser híbrido e trôpego  
(Vai, pronuncia isso com três whisquis!)  
Mas que insiste em apadrinhar um coração  
O ser humano hoje em dia é uma casca  
Que não resiste, não digere uma insignificante borrasca  
O que importa é a aparência, a riqueza e a mídia  
Eu sou do tempo da gonorreia, da traição e da clamídia  
Que a net deformou, reconstruiu, redefiniu  
O sexo, a traição e a puta que pariu  
Minha cara-metade está na internet  
Meu triorgasmo é um nick que promete  
Eu tu eles, nós vós eles  
O Rio se transformou em um Kosovo

Imagine, minha amiga ex-mulher,  
Que outro dia vislumbrei um tiroteio  
Com pleno risco de uma bala bem perdida  
E me excitei ante a possibilidade  
Esdrúxula, porque muito babaca  
De morrer exorbitando incoerências  
Ofegante, acordo e me constato um trabalhador  
Imposto aos desígnios de nosso senhor  
Que de inri passa a um ser ganancioso  
Ou então um grande preguiçoso  
E aí deu sodade!!!  
Xangai, Elomar, Geraldinho, Vital ajudai  
Que esse Brasil, pqp, se esvai  
Olha, eu só queria dizer bom dia  
Meu caro amigo me perdoe, por favô  
Mas a coisa no fundo no fundo não mudô  
Não! Não! Que todos saibam que não tenho mais tesão, paixão ou emoção  
Tenho somente o desejo de viver pela razão  
Que o pensamento é o lucro, o retorno e infelizmente o transtorno  
De quem se esforça por se tornar um colorido contorno  
Do mundo, do ser, do abandono  
Da vida, da puta, do retorno  
Tenho saudade de tanta gente  
Tenho uma vontade premente  
Quero ser do mundo, quero ser famoso  
Meu ego inflou com o computador  
Minha vida se desfez com essa puta dor  
Ah, minha amiga, diga isso a todo mundo  
Eu estou em cócegas, não aguento mais  
Quero ser o trema  
De todos os anais  
Quero dizer que a vida se banalizou  
Que toda disciplina (!) se petrificou  
Tudo que era fala se ostracizou  
E o leigo final (infeliz)mente se sacramentou  
Ah, eu tenho tanto pra dizer, pra falar, pra vomitar  
Pra criticar, pra atormentar, vociferar  
Mas é tão árido o reclamar  
Tão infrutífero o abdicar  
(Meus alunos não me querem porque sou muito exigente  
Minha mulher se separou porque sou um deficiente)  
Ah! Cansei  
Da Amazônia ao FHC  
Temos que nos render  
Ao rei das MP  
Enquanto a esquerda, que desperdício, só decepciona  
Não dá pra saber em quem votar  
Parece uma prece do Brasil por todo o sempre  
Porque sempre haverá poder e luta  
Porque sempre haverá playboy e puta  
Mesmo com nomes diferentes e semântica preparada  
Pelos donos da mídia e pelo incultismo apoiada  
Vida que me vale vida mesmo que impreterida

Vida que me sobra vida nem sempre bem vivida  
Continuo este solilóquio em outra oportunidade  
Quando a Amazônia for nossa propriedade  
Um beijo na galera  
Nos homens e mulheres  
Essa turba insincera  
Que abana a sesta com colheres

Perdoem o rum, ignorem o pum  
Considerem o detalhe, o ensaístico entalhe  
Que o homem tem a fêmea  
A mulher o macho  
E é tudo incoerência  
Ou pelo menos acho.

Rio, 28/05/00

## Destino

Sonia  
Você é a mulher da minha vida  
Minha paixão irresponsada  
O tempo passa  
Você é a vida que se passa  
A chuva, a uva  
A curva, a luva  
E o homem que não muda  
Em sua condição absurda  
Um eterno tentar reviver  
O que insiste sanamente em morrer  
Ah, Soninha, fomos toda uma existência  
Agora somos apenas a excrescência  
Daquilo que não pode ser  
Daquilo que se não pode ter  
Enfim, o ser resiste  
E insiste  
Quem sabe o amor refaz  
O tesão contumaz?  
A memória que teima em lembrar  
Como foi bom o acampamento em Mauá  
Que teus filhos não conhecem  
Que teu marido abomina  
Mal sabem todos da história  
Mal sabem todos nossa sina.

Rio, 2000.



## Em tempo...

A terra deturpa o calor do sol em chuva  
A mulher distorce o amor do homem em chão  
Mas no fundo o abstrato serve ao concreto em ambivalência  
E o mundo globalizante corrompe o intelectual em inconsciente discrepância  
O raio da lua passeia no corpo nu da mulher arrefecida  
Deixando sombras no desejo animal do homem que dormita  
E assim roda o mundo  
Porque no fundo  
O que interessa é o tesão  
Recalcada a emoção  
Relegada  
A um plano em flashback  
Da existência o vasto leque  
Tudo são cores e nuances de várias tonalidades  
Um contexto esquisito para um pintor iniciante  
A vida se propõe, o ser dispõe  
E no verso a catarse de todo sentimento discrepante  
Que a poesia é a própria vida  
E por isso pouco lida  
A gente não pensa toda hora no enfadonho respirar  
Na morte que incontestavelmente vai chegar  
E a arte como um todo é o retrato platônico desta vida  
Suas modalidades, instantâneos em 3 x 4  
Agonia estoica  
Um grito retratado em cores fortes  
Com o piano ao fundo em cascata de notas velejadas  
Porque o vento do coração se manifesta na sonoridade avessa de estrofes conflitadas  
Que o amor é isso  
Um interesse mútuo  
A rima só é bela porque deseja sua outra parte imposta  
E se integra, se entrega, segundo os desígnios do deus-poeta  
Ah como seria bom viver para rimar a rotina cotidiana  
Pintar com letras sinfônicas o recitar dos pássaros  
O pôr do sol e o verde-azul do alto-mar  
Desfilar por essa vida um trovador sempre a cantar  
Existem dois mundos paralelos  
O mundo mundo do trabalho e do dinheiro  
E o vasto mundo de teor imaginário  
Só o poeta vive os dois em absurda, insuportável sintonia  
Em harmônica melancolia  
Transmutando em tolerância o intolerável dia a dia  
Versejando o amor que nunca chega  
Humanizando o patrão que o explora  
Fingindo que o antes e o depois são o agora  
Deixando este legado de palavras desencontradas  
Que por nove entre dez serão sumariamente ignoradas  
O poeta lê o mundo diferente  
É por definição um ser composto reticente  
Respira entrelinhas  
E goza em meros detalhes de irrealidade que só ele entende  
Só um poeta sente o que vê

Só um poeta fantasia o que lê  
O poder da palavra  
A conquista do ser  
O dom de articular  
A arte de escrever  
A vida diz tanto pra gente  
E a gente vive a vida indolente  
Inventa deus e o diabo  
E aí tem que inventar o santo mago  
(Que o bem não existe sem o mal  
Como já dizia o profeta Saramago!)  
O pajé o padre e o pastor  
O acarajé o axé e o professor  
Enquanto isso morre-se de fome  
Sem ter onde dormir e um canto pra parir  
E a política ressona saciada  
A polícia se esbalda relaxada  
Esse é o meu país  
E o de todos nós  
Não é o destino que eu quis  
Com esse sofrimento atroz  
Mas há de sempre haver poetas  
Pra cantar o amor e a alegria  
Pra gritar de dor e de agonia  
Pra denunciar o que maltrata  
Pra ferver o ser e retirar a nata

E entre grilhões e pensamentos  
Rouba-se um beijo à liberdade  
Enalteçam-se todos e quaisquer momentos  
Que o ser tem sua própria majestade.  
Amém!

Que o porém é tudo na vida  
A inquietude espiritual  
Lutemos contra o conformismo  
De um fácil e inócuo ponto final

▪

Rio, 2000.

## Sobre mim

Minha essência é vadia, múltipla e desregrada  
Atômica e global  
Investigo, não vivo  
Aprendo, não vejo  
Identifico, não ouço  
Sou um e sou vários  
Singular e plural  
Fiel e desfiel  
Sou a mente que grita e ressoa  
A pura contradição em pessoa  
Na verdade sou um só pensamento  
Que flui e se transforma de momento a momento.

Rio, 2011.

## DIÁRIO PÓS-MORTE

### Página 1 – Princípio

Viajante do tempo da memória  
Nu, exposto, intenso, profundo  
Nua, exposta, intensa, profunda  
Viagem tosca, pessoal, infundada  
A não procura do que se não pode encontrar  
Um começo sem fim, um meio no esteio  
Rimas de vida e de morte  
A chuva e o sol, o peixe e o anzol  
O descanso no meio do nada  
A vida é o diário do existir  
Pré-morte sabida  
A morte é a certeza da vida  
Pós-vida anunciada  
O ser, caixão do existir  
Amor, um tédio previsto  
Ódio, um mal necessário  
A vida começa sem querer  
Prossegue conduzida, impelida, levada  
A vida é imitação, frio e quente, morno às vezes  
Urina e fezes  
É o balbucio da existência, grunhido de sobrevivência  
A morte latente, a pré-morte  
Tudo é perto  
O sonho é a própria realidade  
A sensibilidade é toda possibilidade  
Prazer a esmo  
Pegar, largar, repegar, fugacidade do desejo  
A vida que surge, emerge, brota do não ser

## Página 2 – Vida antes

A cúpula, a cópula, o crápula, a célula  
Normas, a vida regulada, prazos, a desumanidade sancionada  
Sexo, tesão, amor quando dá, emoção, paixão, o tudo do nada  
Mediocridade, crueldade majoritária, ser humano convencional  
Essência, vida em si, parte ínfima do ser, destino improvável do pensamento  
Vida que passa, intensa, ardente, absoluta  
Preparação, procriação, abnegação, idolatria  
Suor e sêmen  
Líquidos e odores  
O devaneio surdo de alguns  
O desvario alucinado dos demais  
Querer o impossível da impossibilidade  
Fascínio intido e incontido  
Intensidade onírica que perpassa o consciente invivido  
O abalar das estruturas, o explodir das rupturas  
O afã, o açodado da incoerência  
Roupa e corpo  
Maquiagem da morte prevista  
A morte pairando  
A vida pulsando  
Amar, desamar, procurar, fantasiar, desejar, despejar o ser em outro ser  
A vida que tateia, prepara, enaltece o ser

### Página 3 – Vida depois

É na dor que nos encontramos todos  
Sofrimento, mazelas, traumas  
Somente a dor ensina, só a angústia liberta  
Do dia a dia inefável, incansável da repetição modorrenta do viver comum  
Vida a dois, vida a três, vida a mil  
Solidão acompanhada, divertida, bebida e comida nos botecos e cômodos do anoitecer  
Procura incessante por comezinhos prazeres da carne  
Satisfação iludida e adiada das necessidades do espírito  
Dúvidas insolúveis da existência  
De onde, para onde, por que, para que  
Perguntas indiscretas do corpo e da alma  
A tensão do não saber, a ilusão do prever, a frustração do irreceber  
A dor do corpo, o desgosto da mente, o padecimento da alma  
Felicidade distante, imprevisível pausa no contínuo desvelar obscuro do vir a ser  
O presente é pesado, carregado, pleno de privações  
O passado é um tênue recordar o que poderia ter sido  
O futuro é cheio de ilusões, amontoado de desejos obscenos  
Viver é dizer adeus a um trem que parte eternamente  
Estações diáfanas e estadias fugazes  
Sedução e assédio  
Corrupção e despreço  
Sons e imagens  
A vida que se faz pré-morte  
Avaliar, repensar, planejar, abdicar do prazer  
O tédio, a alegria, a fobia  
O médico, a musa, a demasia  
O saber que recrudesce a dor da realidade  
Da pobreza, da política  
A cidade, o estado, o país e o mundo – dimensões do mesmo fracasso humano  
A vida que oprime, labuta, amortece o ser

**Página 4 – Morte**

A religião segrega  
A política estraga  
A escola deforma  
A família deturpa  
O dinheiro vicia  
O trabalho desanima  
O sexo aproxima  
O amor ilumina  
Tudo é nada  
Nada é muito  
Medo e lamentação  
A vida se esvai  
Lentamente  
Claramente  
Assiduamente  
Vida que é pré-morte  
Morte sentida  
Pré-anunciada  
A dor de saber  
A dor de não saber  
A identidade perdida  
A velhice instalada  
Ignomínia  
Tudo é longe  
Longo  
Desapego e frustração  
Frio e calor  
Desfaçatez  
Desonra  
Masmorra  
Cair do precipício  
Perceber  
As marcas da existência  
Sentir  
As verdadeiras agruras  
Da indolência  
Ruborizar-se  
Com as vergonhas  
Perpetradas  
Experimentar a dificuldade de um sopro mais longo do falar  
Constatar  
Declinar  
Queimar  
A última chama do ser  
A vida que declina, conspira, destrói o ser

## Página 5 – Pós-morte

A alma eufórica  
Eufórica alma  
Incontida alma em vida  
Alma apocalíptica, elíptica, explodindo de desejo  
O incontido no contido  
O apocalipse é aqui, agora, no corpo, na mente, na alma, na vida  
O terror é a vida torta, insossa, cabisbaixa  
A droga, a bebida, a religião, o amor, a devoção  
Sinônimos cruéis, indizíveis, proibidos, reprimidos  
O apocalipse é produto  
Infame, nefando, a morte em vida  
Vida-suplício, fuga, medo, inveja, aflição  
Sexo e amor  
Metades de moedas diferentes  
Escola, trabalho, incoerência imunológica  
Bem-estar, edredom, alma marrom  
Sexo e amor, incoerência original, pecado, prazer, livre associação  
O apocalipse é o querer sem poder, em vida  
Satisfação viável na morte  
Luzes e sombras  
O poema é um resumo da vida, sofrida, ardida  
Aturdida, contrita  
Feliz e desfeliz  
Conformada e desapegada  
Finalmente  
Morte morrida  
Morte matada  
Morte autoinfligida  
Toda vida acaba na morte  
Fato  
A vida é o prenúncio da morte, inegável  
A vida é o diário da pré-morte  
A morte é o diário do pós-vida.

Rio, 2011.



O bom é procurar  
Um amor de duas horas  
Pra não acostumar.

Rio, 2012.

Fiquei ouvindo o sol  
E acabei no mundo da lua  
Amei, rezei, sonhei  
E acabei no meio da rua.

Rio, 2012.

A vida  
É ida  
Ao norte  
Morte.

Rio, 2012.

Queria um avatar  
Um despertar  
Sem rigor  
Sem temor  
Vida nova  
Um escudo  
Novo tudo.

Rio, 2012.

Pessoas  
Mais pessoas  
Movimento  
Vozes  
Gestos  
Carros  
Bares  
Olhares  
Cinema  
Trabalho  
Atalho  
Pernas  
Corpos  
Rostos  
Odores  
Sabores  
Pressa  
Pessoas  
Sempre pessoas  
Calçadas  
Muradas  
Portas e janelas  
Já fui como elas.

Rio, 2012.

Tenho pena das crianças sem futuro  
Vivem a vida deslizando no escuro

Rio, 2012.

Tenho medo do tempo  
Porque esquece  
Tenho medo do amor  
Porque acaba  
Tenho medo da vida  
Porque morre  
Tenho medo de mim  
Porque penso  
A vida no fundo  
É um longo momento  
Tenso.

Rio, 2012.